



# Maguy Marin, a grande sabotadora

Criadora essencial da dança contemporânea, a coreógrafa francesa regressa a Almada com *Ligne de Crête*, peça dura e sufocante, em que humanos quase autómatos limitam cada vez mais o seu espaço de acção.

Gonçalo Frota

Uma série de secretárias envi-  
draçadas, cubículos quase  
sem espaço – apenas o sufi-  
ciente para que homens e  
mulheres se sentem e cum-  
pram com o seu dever fun-  
cional. Os gestos são feitos de auto-  
matismos, extirpados de qualquer  
emoção. E ao longo de toda a dura-  
ção de *Ligne de Crête*, coreografia de  
Maguy Marin que foi “espectáculo-  
choque” da última edição da Bienal  
da Dança de Lyon, os intérpretes and-  
am num corripio, entrando e  
saindo de palco, voltando sempre  
com mais objectos que depositam  
num espaço cada vez mais saturado  
e claustrofóbico. Trazem detergen-  
tes, embalagens de papel higiénico,  
garrafas de sumo, mochilas, bonecas,  
quadros, fraldas, tudo aquilo que  
possa ser adquirido com um cartão  
bancário. Os percursos, individuais,  
pouco se cruzam, mal se dão conta  
de haver outros em seu redor e cum-  
prem-se sem interrupções, num cres-  
cendo de angústia e mal-estar, sem  
qualquer vislumbre de saída.

Escreve Maguy Marin que quis co-  
locar os seus intérpretes a “caminhar  
sobre uma linha limite entre duas  
margens perigosas – a violência das  
instituições disfuncionais e a violên-  
cia das paixões dos homens”, entre  
aquilo que existe e aquilo que devia  
existir. E, por isso, aquilo que vemos  
diante de nós é um pequeno batalhão  
de seis seres anestesiados, conforma-  
dos com o seu papel de peões na so-  
ciedade de consumo, acumulando  
bens e sem qualquer energia que lhes  
permita romper um ciclo imparável.  
Foi a partir da descoberta de uma  
ideia de restabelecimento de um “re-  
gime do desejo”, extraída por Marin  
do livro *Capitalisme, Désir et Servi-  
tude*, do filósofo e economista Frédéric  
Lordon, que a coreógrafa desco-  
briu “a peça que tinha vontade de  
fazer”. “Lordon é alguém que recla-  
mou a palavra há alguns anos em  
França e que me parece muito esti-  
mulante”, justifica ao Ípsilon.

“Já há muito tempo que me influen-  
cio e inspiro em textos de pessoas que  
trabalham com conceitos”, diz-nos  
dias antes de apresentar *Ligne de  
Crête* em estreia nacional no Teatro  
Municipal Joaquim Benite, em Al-  
mada, a 4 de Maio – palco a que re-  
gressa depois de, em 2016, ter trazido  
ao Festival de Almada a muito  
beckettiana *MayB*.

“Encontro nessa matéria a liber-  
dade para depois lhe dar uma forma.”  
A coreógrafa fareja, portanto, concei-

tos e ideias dos quais se possa apro-  
priar, sem ter de obedecer a guiões  
rígidos, mas que possam desencadear  
um processo criativo ancorado em  
noções e pistas muito concretas.  
Tudo é depois devolvido na direcção  
do público de acordo com uma lin-  
guagem filtrada pela poesia e pela  
subjectividade. Esse processo de mas-  
tidação e transformação de ideias em  
movimentos, descreve a criadora,  
equivale a “dar a ver imagens como  
num sonho, como quando sonhamos  
à noite e nem sempre compreende-  
mos aquilo que se passa, embora  
muitas vezes tenhamos a sensação de  
que há uma ligação a algo que se pas-  
sou e nos estimula essas imagens”.

Mesmo se Maguy Marin entende  
que o seu ofício passa por transfor-  
mar esse discurso em algo que, não  
carendo de explicações, possa ter um  
mínimo de qualidade narrativa que  
permita ser descrito e possa encon-  
trar no receptor alguém com sonhos  
semelhantes, talvez nunca antes a sua  
proposta coreográfica tenha sido tão  
directa e clara como em *Ligne de  
Crête*. “Acho que no ano anterior  
ainda tentei ser mais directa numa  
peça chamada *Deux Mille Dix-Sept*  
[criada a partir de textos de Frédéric  
Lordon ou Walter Benjamin, numa  
tentativa de resposta ao questiona-  
mento sobre “o que nos obriga a agir,  
no sentido literal e no figurado”].  
Desde há três ou quatro anos que  
sinto nos espectáculos que faço uma  
ligação mais directa à política e àquilo  
que se passa no mundo”.

Os tempos que vivemos, admite,  
obrigam-na a esconder-se menos  
atrás da poesia. Em simultâneo, há  
“uma urgência”, imposta por um  
“planeta cada vez mais doente e mais  
pobre” que a encosta à parede, sem  
lhe deixar espaço para as subtilezas.  
“Neste momento temos os Coletes  
Amarelos em França e há outros pe-  
quenos movimentos de esperança e  
sinais de pessoas que entendem que  
as coisas não podem continuar assim.  
Tenho vontade de me juntar a eles,  
de fazer um trabalho que ajude a co-  
locar em marcha esse movimento.”

## Sem esperança

Acreditando em cada indivíduo  
como um “espaço de resistência”,  
Maguy Marin aponta sem hesitação  
para a política da educação dos últi-  
mos 30 ou 40 anos como algo que foi  
transformado numa câmara de “pre-  
paração para entrarmos neste  
mundo capitalista”. Os seis intérpre-  
tes que vemos em *Ligne de Crête* são,

precisamente, moldados por um sis-  
tema empresarial extensivo a todos  
os domínios da vida, tornando cida-  
dãos em seres “funcionais, operacio-  
nais, concorrenciais e rentáveis”. E  
a forma como esse espaço de resis-  
tência tenta ser repetidamente esma-  
gado é exemplificável, diz, com o  
caso recente da campanha televisiva  
em França que insta “toda a gente  
– até mesmo o tipo que ganha o sa-  
lário mínimo – a doar 10 euros para  
a restauração da Notre Dame”.

“Esta gente goza connosco!”, solta  
sem mascarar a irritação com “aquilo  
que se está a passar com as verbas  
angariadas para a Notre Dame”. “Há  
milionários franceses a oferecerem  
100 milhões. Mas porque não foram  
capazes de doar esse dinheiro para  
que o Estado francês pudesse aco-  
lher as pessoas que são deixadas a  
morrer no Mediterrâneo a toda a  
hora? Não é possível, vivemos num  
mundo de loucos!”

A aceitação e a normalidade desta  
situação, acredita, é mais um sin-  
toma e consequência dos “caminhos  
que nos são impostos pelo exterior,  
mesmo que nos façam crer que so-  
mos nós que os escolhemos”. E re-  
lembra o “There is no alternative” de  
Margaret Thatcher, transportando  
essa ideia para este espectáculo em  
que – mesmo havendo exemplos de  
resistência – se mostra o quanto “a  
maioria da sociedade mudou na di-  
recção dessa coisa fria, gélida e me-  
cânica” ligada a uma submissão total  
às decisões tomadas em seu nome.  
“No meu trabalho”, reforça a coreó-  
grafa, “tento sempre devolver a ima-  
gem de uma realidade que se torna  
insuportável. E é exactamente isso  
que está em curso.”

O espaço opressivo e sufocante de  
*Ligne de Crête* é disso espelho, de uma  
ausência de espaço para pensar, na-  
quilo que entende ser uma estratégia  
do neoliberalismo para matar o de-  
sejo individual. E lembra o quanto o  
capitalismo sabe estetizar a resistên-  
cia, como se permitisse o embeleza-  
mento da imagem da dinamite ao  
mesmo tempo que lhe apaga o rasti-  
lho. Daí que Maguy Marin recuse in-  
jectar esperança nas suas criações.  
“Essa esperança dá alguma confiança  
de que as coisas se possam resolver e  
isso é perigoso porque a situação está  
mais bloqueada do que se crê.” Por  
isso, fala da violência das paixões dos  
homens. Em vez da esperança, são  
estas paixões que a criadora quer al-  
finetar. Para tentar sabotar o adorme-  
cimento colectivo.